



EXAME

Ideias para quem decide

Crescimento

Enquanto os países ricos continuam atolados, os bons ventos já voltaram a soprar no mundo emergente. Agora, os melhores cérebros buscam decifrar um enigma tão antigo quanto a própria economia — afinal, o que faz os países crescer?



ABRIL/2010 | EDIÇÃO 5 | R\$28,00



Com artigos de Angus Deaton • Benjamin M. Friedman • Betsey Stevenson • Christopher Hayes • Cristina Terra • Dan Sacks • Fernando J. Devoto • Fernando Montero • Ian Bremmer • James Fallows • John A. Weymark • Joseph Nye • Justin Wolfers • Michael Spence • Peter H. Lindert • Peter Popham • Richard D'Aveni • Robert Skidelsky • Stanley L. Engerman • Steven Pincus • William Easterly



O dinheiro traz felicidade?

Sim, ele traz. É o que dizem as mais recentes pesquisas sobre essa antiga indagação. Quando se tem dinheiro no bolso, nem a inveja despertada pelo vizinho mais rico é capaz de azedar a alegria



Restaurante Turandot, em Moscou, símbolo da riquíssima nova elite russa: bons vinhos e bons jantares nos deixam mais felizes?

JUSTIN JIN/PANOS



**JUSTIN WOLFERS,
BETSEY STEVENSON E DAN SACKS**

Betsey e Wolfers são professores na Wharton School da Universidade da Pensilvânia. Sacks é pesquisador na mesma instituição

Entre 1950 e 1980, a economia brasileira cresceu mais rapidamente que qualquer outra e a renda real per capita mais que quadruplicou. Pela métrica usualmente empregada por economistas, trata-se de um período extraordinário de desenvolvimento. Embora impressionante, esse ganho no PIB per capita não revela necessariamente nada sobre o bem-estar humano. Não revela se os brasileiros ficaram mais saudáveis ou mais educados. Não fala da qualidade dos relacionamentos, da beleza que os brasileiros veem de suas janelas, nem tampouco se gozam de maior liberdade política e pessoal. O PIB per capita mostra apenas que o bolo da riqueza do país aumentou em relação ao total da população. Ainda assim, fica a pergunta: o crescimento da renda aumentou o bem-estar?

Nossa pesquisa mostra que sim. Em todas as partes do mundo, o dinheiro torna as pessoas mais felizes e mais satisfeitas com sua vida. De onde vem essa relação entre renda e bem-estar? Uma possibilidade é que a “renda absoluta” é o que importa. Mais dinheiro torna as pessoas mais felizes e ponto final. Outra possibilidade, porém, é que a “renda relativa” é mais importante: as pessoas são felizes quando têm mais dinheiro que seus vizinhos. Vários dados indicam que a renda absoluta supera a renda relativa como motor de felicidade e satisfação com a vida.

Cientistas sociais avaliam o bem-estar usando diversas abordagens. O mais comum é perguntarmos às pessoas sobre elas mesmas. Como essa informação é autoavaliada, podemos chamá-la de “bem-estar subjetivo”. A World Values Survey, por exemplo, pergunta às pessoas quanto elas são felizes e quanto estão satisfeitas com a vida. A Gallup World Poll, por sua vez, usa uma analogia da escada. Pede-se que as pessoas se imaginem numa escada, onde o topo representa a melhor vida possível, e a base, a pior. Aí pede-se que digam em que degrau, entre zero e dez, elas atualmente se encontram. Uma precaução com essas medidas é que lhes falta, por definição, uma

escala objetiva. Se uma mulher relata que está no décimo degrau, ela está realmente feliz ou está exagerando? Outra precaução é se podemos comparar os entrevistados. O sétimo degrau nos Estados Unidos será realmente equivalente ao sétimo degrau no Brasil?

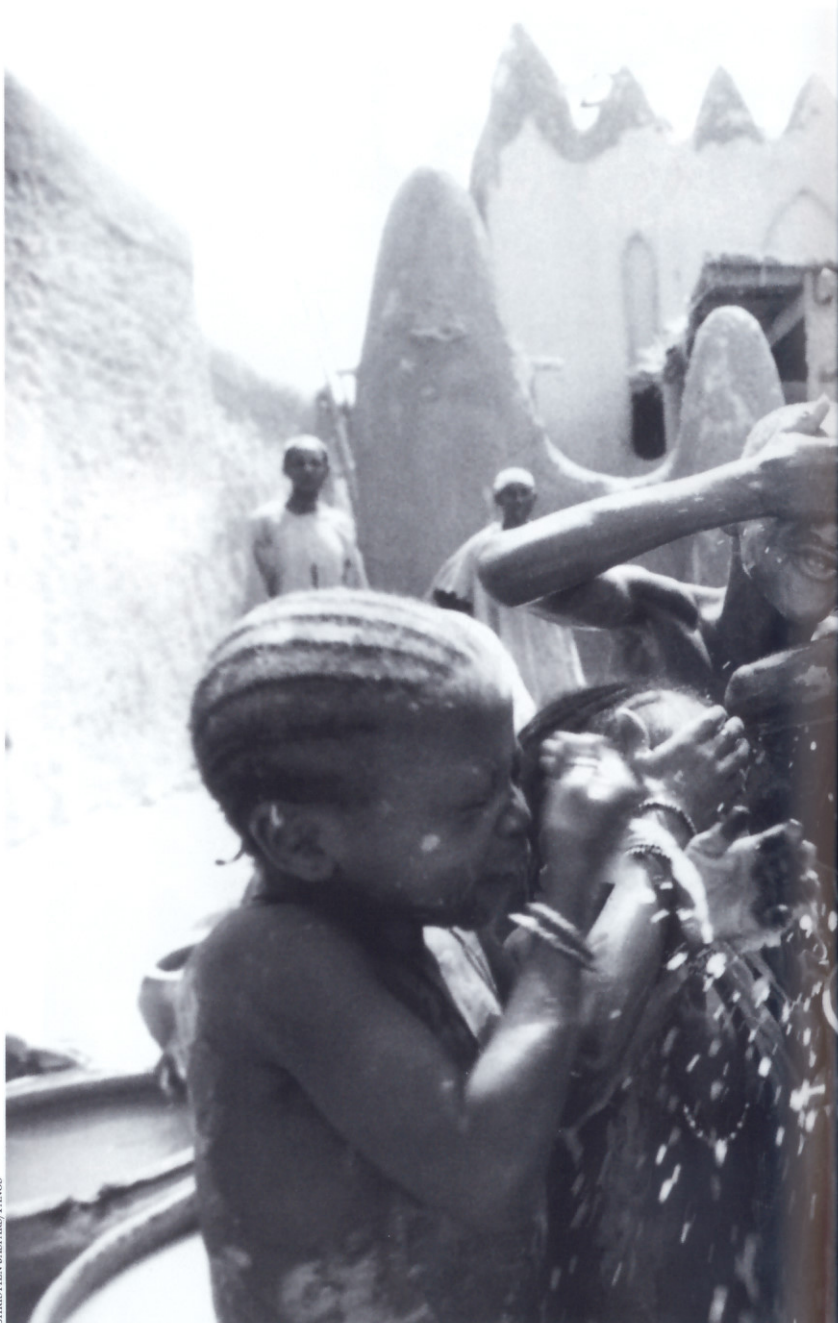
Todas essas são precauções válidas, mas pesquisas com psicólogos confirmaram que, apesar dessas dúvidas, as medidas de bem-estar subjetivo são bastante confiáveis. As pessoas que relatam estar felizes ou satisfeitas com a vida são também propensas a sorrir e a rir com mais frequência, são mais saudáveis e têm mais contatos sociais. Segundo a Gallup World Poll, 75% dos brasileiros relatam que, em geral, estão satisfeitos com a vida. Esse número é incrivelmente próximo de várias outras medidas de bem-estar: 74% dizem que não sofreram dor física no dia anterior, 73% não tiveram estresse, 92% não sofreram depressão e 82% dizem que já amaram. Países com pontuação alta nesses quesitos se saem bem nos outros também.

O bem-estar subjetivo também está estreitamente relacionado com a renda. Vários estudos examinaram a associação entre satisfação com a vida e renda dentro de determinado país ao comparar pessoas ricas e pobres. Diante da pergunta “a pessoa mais rica é mais feliz?”, a resposta é, invariavelmente, sim, independentemente do país estudado ou da maneira como o bem-estar subjetivo é medido. Nós analisamos a relação entre renda e satisfação com a vida em 113 países e, em todos, exceto um, a satisfação com a vida aumenta com a renda. Essa única exceção revelou-se uma amostragem inconstante no Haiti, e a rodada seguinte de pesquisas nesse país mostrou que pessoas mais ricas eram mais felizes.

Explicando o fenômeno

A relação positiva entre renda e felicidade sugere que, à medida que uma brasileira — vamos chamá-la Maria — fica mais rica, ela se torna mais feliz. Essa relação era conhecida há tempos e tem pelo menos duas interpretações. A primeira é que o dinheiro deixa as pessoas felizes porque compra assistência médica, permite que desfrutem de seu tempo de lazer com comidas caprichadas e TVs modernas — o que pode livrá-las do estresse. Com dinheiro, Maria sabe que um tropeço não vai tirá-la do conforto e jogá-la numa situação de aperto. Ela pode trabalhar 10 horas por dia em vez de 12. Pode comer três refeições por dia em vez de duas. Nessa interpretação, o que importa para o bem-estar subjetivo é a renda absoluta.

Outra interpretação, porém, é que as pessoas ligam menos para o dinheiro do que para ter mais



CHRISTEN JASPAIS/PANOS

Crianças se divertem com água e sabão em Mali, na África: alegria na contramão do que reza a teoria

dinheiro que os outros. Uma razão para a renda deixar Maria mais feliz é que ela a torna mais rica que seus vizinhos. Se já tem uma TV de plasma de 30 polegadas, é difícil entender por que ela sonharia em comprar uma de 40 polegadas. Isso, a menos, claro, que seus vizinhos tenham uma TV de 32 polegadas. Alguns pesquisadores falam de uma “esteira da aspiração”. Quando todos nós competimos para ter a maior TV, desperdiçamos mais e mais energia num esforço fútil para ficar à frente. Se houver uma esteira mecânica da aspi-



Há quem proponha a noção de uma “esteira da aspiração”: quando lutamos pela TV maior, jogamos fora energia num esforço fútil de ficar à frente

ração, tudo o que importa é onde Maria está em relação aos vizinhos, e não sua posição absoluta.

Comparar ricos a pobres dentro de um país não pode, por si só, nos dizer o que importa para o bem-estar subjetivo — renda absoluta ou relativa. Felizmente, há uma maneira fácil de testar as duas teorias. Imaginem que cada pessoa no Brasil receba um cheque de 1 000 dólares ao acordar em determinado dia. Cada brasileiro estará mais rico, mas nenhum levará vantagem sobre seus vizinhos. Se, após o país ficar mais rico, a felicidade tiver

permanecido a mesma, então concluiremos que a renda relativa é o que importa. Se, por outro lado, os brasileiros relatarem níveis mais altos de felicidade, então pensaremos que a renda absoluta determina o bem-estar subjetivo.

Como não somos Henrique Meirelles, não podemos realizar esse experimento social. Mas podemos tentar algo semelhante ao comparar países ricos e pobres. A ideia é que, em países mais ricos, todos têm uma renda maior, mas as pessoas podem ainda se sentir mais pobres que

seus vizinhos. Se cidadãos de países mais ricos não estivessem mais satisfeitos com sua vida que os de países mais pobres, poderíamos concluir que a renda relativa é predominante. Essa ideia não é nova. Em meados da década de 70, o economista Richard Easterlin realizou essas comparações e não descobriu nenhuma relação entre a riqueza material de um país e a felicidade média de seus habitantes. Essa descoberta é conhecida agora como Paradoxo de Easterlin. Com base nele — mais a descoberta de que indivíduos mais ricos num país são mais felizes que os mais pobres —, Easterlin veio a acreditar que a renda relativa determina a felicidade.

Mas o Paradoxo de Easterlin será real? Na época em que ele realizou sua pesquisa, só havia dados sobre felicidade para um punhado de países, muitos deles entre os mais ricos do mundo. Em 2006, o Gallup completou um grande esforço de coleta de dados com o objetivo de medir a felicidade. Quando analisamos os dados do Gallup, que cobrem 131 países, inclusive os mais pobres, não descobrimos nenhuma evidência do Paradoxo de Easterlin. Em vez disso, descobrimos que renda e bem-estar subjetivo estão estreitamente relacionados.

O que o PIB afere

Não é muito difícil acreditar que cidadãos da Finlândia, da República Checa e da Argentina estão mais satisfeitos com a vida do que os do Iraque, da Zâmbia ou de Ruanda. E a renda é certamente maior nos três primeiros do que nos últimos. Mas existem outras diferenças importantes entre países ricos e pobres, como democracia, respeito à lei, qualidade de governo e o alcance da rede de segurança social. Pode acontecer de essas diferenças institucionais serem o que move a aparente relação entre renda e bem-estar. Para avaliar se é a renda absoluta, e não a renda relativa, que afeta o bem-estar subjetivo, é preciso comparar países que tenham estruturas governamentais parecidas, sistemas educacio-

nais semelhantes e até o mesmo clima. A maneira mais fácil de fazer essa comparação talvez seja estudar o crescimento econômico, comparando o mesmo país ao longo do tempo. A World Values Survey conduziu pesquisas bem-sucedidas quatro vezes em 89 países entre 1981 e 2004.

Durante esse período, muitos dos países pesquisados experimentaram uma expansão econômica considerável, de modo que podemos avaliar se nações que tiveram aumento da renda também tiveram crescimento da felicidade.

A resposta, na maioria, mas não em todos os países, é, de novo, sim. Em cerca de dois terços deles, renda e felicidade avançaram juntas. O Brasil é uma exceção: a renda cresceu um pouco de 1990 para 1996, mas a felicidade diminuiu um pouco.

Não se deve, no entanto, dar muita importância a essas duas pesquisas. Aliás, os dados coletados pela empresa Latinbarometro em 1997 e 2008 sugerem níveis crescentes de felicidade e de satisfação com a vida no Brasil. Na maioria dos países, o crescimento econômico está associado ao crescimento da felicidade. Isso é verdade tanto para países de baixa renda como para países ricos.

O político americano Bobby Kennedy fez uma observação que ficou famosa: “O produto interno bruto mede tudo, menos o que faz a vida valer a pena”. O receio nas entrelinhas da frase de Kennedy é que, se os políticos derem prioridade a apenas o que faz o PIB crescer e não ao que faz a vida valer a pena, ficaremos todos infelizes. Medições recém-desenvolvidas, como o Índice de Desenvolvimento Humano, rastreiam alfabetização e saúde, além de renda, numa tentativa de orientar os formuladores de políticas para o que vale a pena. Mas a relação íntima entre renda média e bem-estar subjetivo sugere que, de fato, a saúde econômica de um país está estreitamente ligada a níveis mais amplos de bem-estar. A melhor explicação para essa relação entre renda e bem-estar é também a mais simples: a renda nos dá a oportunidade de viver uma vida mais rica. ♦



Cena amena do Haiti, país devastado primeiro por conflitos e agora pelo terremoto: é difícil manter a alegria num ambiente de desgraça

Bobby Kennedy disse: “O PIB mede tudo, menos o que faz a vida valer a pena”. Por isso, cuidado com os economistas